

A Digitalização do Corpo: o corpo e a mente, a construção da imagem e a digitalização na busca de perpetuar o efêmero

Body and mind, the construction of the image and the digitalization in search of perpetuating the ephemeral

Carlos Roberto da Costa – Faculdade Cásper Líbero | São Paulo | SP | Brasil | E-mail: ccosta@casperlibero.edu.br | <https://orcid.org/0000-0001-8501-1689>

Keite Pacheco – Faculdade Cásper Líbero | São Paulo | SP | Brasil | E-mail: keite.pacheco@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-1368-7345>

Resumo: A aparente separação entre corpo e mente é abordada desde a antiguidade no pensamento ocidental. Este artigo tem a proposta de acompanhar esses movimentos e as tentativas de perpetuar o efêmero, que se agudizou na contemporaneidade. Nessa caminhada os guias serão Sigmund Freud, Beatriz Sarlo e Umberto Eco. Com esse referencial analisamos três camadas da possibilidade dessa busca, tendo como objeto de estudo o filme *O congresso futurista* (FOLMAN, 2013) e os seriados *Black Mirror* (o episódio Nosedive, da terceira temporada) e *Years and years* (2019), uma produção da BBC em parceria com a HBO. O ponto de partida é o ensaio de Beatriz Sarlo analisando a tentativa de, ainda nos tempos analógicos, criar uma iconização do corpo de Eva Perón.

Palavras-chave: Corpo e mente. Comunicação na era digital. Construção da imagem. Corpo como mercadoria. Espetacularização da vida.

Abstract: The apparent separation of body and mind has been addressed since antiquity in Western thought. This article proposes to accompany these movements and the attempts to perpetuate the ephemeral, which has become more acute in contemporary times. In this trajectory the guides will be Sigmund Freud, Beatriz Sarlo and Umberto Eco. With this framework we analyze three layers of the possibility of this search, having as object of study the movie *The congress* (ARI FOLMAN, 2013) and the series *Black Mirror* (the episode Nosedive of the third season) and *Years and years* (2019), a BBC production in partnership with HBO. The starting point is Beatriz Sarlo's essay analyzing the attempt, even in analogical times, to create an iconization of Eva Perón's body.

Keywords: Body and mind. Communication in the digital age. Construction of the image. Body as commodity. Spectacularization of life.

• Recebido em: 05 nov. 2019 • Aprovado em: 12 dez. 2019 • e-ISSN: 2177-5788

DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2019v45n2p445-461>

Copyright © 2019. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

1 Introdução

Corpo e mente: essa é uma das questões que ocuparam as reflexões dos seguidores da filosofia (e por muitas de suas futuras ramificações, como a psicologia e a psicanálise) ao longo da história. Desde a fórmula "*Mens sana in corpore sano*", que se transformou em um bordão após seu criador, o poeta Décimo Júnio Juvenal, tê-la mencionado em uma de suas Sátiras, escritas no primeiro século da era cristã.

Devido ao fato de alguns fenômenos mentais se apresentarem como independentes ou alheios aos corpos envolvidos nesses processos, pensadores como Platão e Aristóteles já haviam se debruçado em busca de respostas. Essa questão também esteve presente nos escritos de pensadores como Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino, entre tantos outros. Quase no final da Idade Média, segundo Oliveira (2019), o filósofo e místico catalão Ramón Llull chegava a uma conciliação entre corpo e mente, no que foi seguido por Giordano Bruno, Camilo Guido, Giovanni Pico della Mirandola, Gottfried Wilhelm Leibniz e, mais recentemente, Henri Bergson. Todos empenhados na harmonização entre mente e corpo, numa visão que hoje chamaríamos de holística¹.

Na contracorrente, um dos maiores divisores de águas foi o filósofo, físico e matemático René Descartes (1596-1650), o homem do racionalismo (o conhecimento é adquirido por meio da razão, sem que haja a participação dos sentidos). Até hoje o mundo ocidental não se curou desse vírus.

John Rogers Searle (1997), filósofo linguista e escritor norte-americano (nascido em 1932 e ainda lecionando na Universidade de Berkeley, na Califórnia), rejeita o dualismo cartesiano, considerando o

¹ Holístico: do grego holos, todo ou inteiro. O conceito foi criado em 1926 pelo político, líder militar, filósofo e estadista sul-africano Jan Christiaan Smuts (1870-1950). Ele o descreveu como a "tendência da natureza de usar a evolução criativa para formar um 'todo' que é maior do que a soma das suas partes".

racionalismo um erro. Em seu livro *O mistério da consciência*, ele escreve na primeira frase do prefácio:

Esta época é, ao mesmo tempo, a mais emocionante e a mais frustrante, para o estudo da consciência em minha trajetória intelectual. Emocionante porque o tema da consciência voltou a ser respeitado – de fato, quase considerado central – como assunto de investigação da filosofia, psicologia, ciências cognitivas e até da neurociência. Frustrante porque todo o assunto ainda está contaminado com equívocos e erros que eu pensava já terem sido superados há muito tempo (SEARLE, 1997, p. XI, tradução nossa)².

Para o filósofo da linguagem, a questão da oposição entre mente e corpo é de simples solução: os fatos mentais são provocados por processos biológicos que ocorrem no cérebro; assim, dores, mal-estar, diarreias podem ser sintomas de que algum distúrbio emocional/mental se mascara nessas manifestações.

A influência que Freud (1978) exerceu em várias correntes da ciência, da arte e da filosofia foi e ainda continua sendo enorme, muito embora muitos filósofos, psicólogos e psiquiatras façam objeções ao modo como o criador da psicanálise e seus discípulos apresentaram seus conceitos: como realidades absolutas e não como hipóteses ou instrumentos de explicação que podem ser ultrapassados pela evolução científica, o que, em muitos casos, foi exatamente o que aconteceu. A depressão, por exemplo, é um transtorno mental para cujo tratamento a psicanálise pode funcionar somente como coadjuvante, devido ao caráter bioquímico que está em sua origem.

Do pai da psicanálise temos como elementos para as análises que faremos nesse ensaio dois textos: *Cinco lições de psicanálise* e *O mal-estar na civilização*. O primeiro é a transcrição de cinco palestras ministradas em setembro de 1909, na Clark University, em Worcester, no Estado de

² This era is at once the most exciting and the most frustrating for the study of consciousness in my intellectual lifetime: exciting because consciousness has again become respectable, indeed almost central, as a subject of investigation in philosophy, psychology, cognitive science, and even neuroscience; frustrating because the whole subject is still plagued with mistakes and errors I thought had been long exposed.

Massachusetts, EUA. Duas décadas depois, Freud publicou *O mal-estar na civilização*, uma de suas últimas obras.

Um dos pontos de contato entre os dois trabalhos é o princípio do prazer e o princípio da realidade. Escreve Freud na Quinta lição:

As exigências da sociedade tornam o viver difícil para a maioria das criaturas humanas, forçando-as com isso a se afastarem da realidade e dando origem às neuroses, sem que o excesso de coerção sexual traga maiores benefícios à coletividade. Não devemos ensoberbecer-nos tanto, a ponto de perder completamente de vista nossa natureza animal, nem esquecer tampouco que a felicidade individual não deve ser negada pela civilização (FREUD, 1978, p. 35).

Não admira que, sob a pressão de todas essas possibilidades de sofrimento, os homens tenham se acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade. Que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano. A reflexão nos mostra que é possível tentar a realização dessa tarefa através de caminhos muito diferentes e que todos esses caminhos foram recomendados pelas diversas escolas de sabedorias secular e postos em prática pelos homens. “Uma satisfação irrestrita de todas as necessidades se nos apresenta como o método mais tentador de conduzir nossas vidas”, escreveu Freud. “Isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo” (FREUD, 1978, p. 141).

O princípio do prazer: “os próprios homens, por seu comportamento, mostram ser o propósito e a intenção de suas vidas [...] obter a felicidade, querem ser felizes e assim permanecer” (FREUD, 1978, p. 140) e esse desejo entra muitas vezes em choque com as rugosidades do empírico, que é princípio de realidade.

2 O corpo Midiatizado: uma construção


Um livro da escritora argentina Beatriz Sarlo, *La pasión y la excepción*, de 2003, pode ser utilizado como outra trilha para as análises que serão feitas a seguir. Ainda distante dos atuais tempos de algoritimização da vida

em que alguns são levados a buscar a virtualização de seus corpos e mentes (como abordado nos capítulos finais da série da BBC Britânica *Years & years*, ou como bem mostrado no filme de Ari Folman, *O congresso futurista*, de 2013).

Em *La pasión y la excepción*, Beatriz Sarlo realiza uma espécie de catarse contra o peronismo³ de sua juventude (seus pais foram decididamente contra o movimento peronista e a mitificação de María Eva Duarte como a protetora dos fracos e oprimidos). Sarlo se redime da atitude da juventude, talvez tomada para mostrar sua alteridade frente os pais. É esse acerto de contas que a leva a analisar o caráter messiânico (com forte conteúdo de missão religiosa) do movimento dos Montoneros⁴. E Evita? María Eva Ibarguren Duarte nasceu na era do rádio, e foi uma radioatriz sem grande sucesso, tentando carreira no cinema. Envolvida com o diretor de seu primeiro filme (*A cavalgada do circo*, 1945), chegava atrasada para marcar seu terreno. Levou uma bofetada da grande estrela Libertad Lamarque, a protagonista de *A cavalgada*. A bofetada custou caro para a “rainha do tango”, que após a ascensão de Eva ao poder, buscou exílio no México, onde morreu em 2000, aos 92 anos. Mas voltemos ao livro. Sarlo descreve com muita inspiração a transformação de Eva em um ícone após casar com Perón. Essa “criação da imagem” ainda na era analógica é notável. Eva Duarte antecipou em duas décadas a “Sociedade do Espetáculo”, uma reflexão de Guy Debord (1997) com raízes em Karl Marx,

³ Peronismo é o nome popular do Movimento Nacional Justicialista, criado e liderado a partir do pensamento de Juan Domingo Perón, militar e estadista argentino, presidente daquele país, eleito em 1946, 1951 e 1973. O Movimento Justicialista transformou-se, mais tarde em Partido Justicialista, que é a força política majoritária na Argentina, e acaba de eleger Alberto Fernández como o novo presidente.

⁴ Os Montoneros foi uma organização político-militar atuante na Argentina na década de 1970, tendo seu auge em 1976. Sua proposta, vista por Beatriz Sarlo como “missionária” com forte conotação messiânica, era desestabilizar o poder militar que ocupava o governo, exigir a volta do ex-presidente exilado, Juan Domingo Perón, e a realização de eleições democráticas. Como visões messiânicas se contrapõem ao princípio de realidade, o tempo provocou a perseguição automática pelo regime militar nos tempos da presidência de Jorge Videla (1976-1981) e muitos Montoneros entraram para a lista dos desaparecidos da ditadura argentina.




Mikhail Bakunin e o já citado Sigmund Freud. Sua obra *A sociedade do espetáculo*, publicada em 1967, é o resultado de uma série de debates e leituras acerca dos conceitos desenvolvidos por Marx. Debate este que tem recebido contribuições enriquecedoras de diversos pesquisadores – entre eles o professor Claudio Novaes Pinto Coelho (2006)⁵.

No capítulo “Os dois corpos de Eva”, Beatriz Sarlo recorre ao livro de memórias do estilista Paco Jaumandreu, um dos criadores da persona de Eva e que escreveu em suas memórias ter a sensação de que estava frente a duas Evas, a moça doce e boa para quem ele desenhava vestidos, ajudava nas provas, fazendo piadas. E uma outra totalmente diferente: “Sempre pensei que essa segunda Eva Perón estava habitada por outro espírito [...] Quando ela falava para as multidões, dominando-as, era como se estivesse possuída pelo espírito de algum político de muitos séculos atrás” (JAUMANDREU apud SARLO, 2003, p. 89).

A pesquisa realizada por Sarlo nas revistas ilustradas da época compõem um panorama da “construção” do corpo e da imagem. O uso constante de ternos estilo príncipe-de-gales, em tons cinzas ou negro, a sobriedade da maquiagem. Assim, para a mesma autora, a roupa de Eva foi uma questão de estado para o regime que descobriu as formas modernas da propaganda política e o peso decisivo da iconografia.

O rádio e a praça foram o meio e o espaço a que o peronismo deu um uso desconhecido até então pela intensidade e seu ar novidadeiro. Os meios gráficos (revistas) do regime levaram adiante uma política altamente visual, em que dezenas de fotos diárias (literalmente, eram dezenas na revista *El Mundo*) confirmam a presença das vozes radiofônicas e aproximavam os corpos dos líderes. A alta visualidade da cultura peronista. Conforme Sarlo (2003), encontrou no corpo de Eva um suporte que já se havia preparado para ser visto, para mostrar e repetir-se em gestos e poses, durante os dois

⁵ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, é o líder do Grupo de Pesquisa Comunicação e Sociedade do Espectáculo, do CNPq (2006).




anos de sucesso em sua carreira de radioatriz, após cruzar o caminho de Perón. Foi nas falas de personagens como Joana Darc ou rainhas com forte atuação em seu tempo que, sem saber, Eva aprendeu uma retórica que mais tarde seria o seu diferencial.

Qualquer comparação entre Eva e outras mulheres da sociedade argentina que aparecem em fotos daquela época mostram que ela se destacava por um estilo menos submetido aos caprichos da moda, que então favoreciam os rolos no penteado, o rosto arredondado, a maquiagem ingênua com lábios em forma de coração, os plissados, rendas e coletes, chapéus exagerados, cintura de vespa. Conforme Sarlo (2003), Eva parece mais atemporal, em uma comparação com duas estrelas do cinema, uma do passado, Greta Garbo, e outra do futuro, Audrey Hepburn e claro que seu corpo sem curvas marcadas, cada vez mais delgado, contribui para a ilusão de que está mais acima ou mais além da moda. Ainda segundo a mesma autora, o que fora uma desvantagem quando Eva Duarte se propôs a carreira de atriz, aparecia agora como a qualidade de sua beleza não tocada pelas mais evidentes mostras do perecibilidade da moda.

O peronismo não baseava seu poder nas instituições tradicionais da república liberal às que destituiu tanto o poder político como a relevância simbólica, mas sim nos sindicatos e num dispositivo cultural e propagandístico de uma magnitude desconhecida até então na Argentina. O “estado do bem-estar social à moda crioula” tinha um de seus pilares na instituição dirigida pela mulher do presidente: a Fundação Eva Perón, que substituiu a todas as sociedades de caridade e, sobretudo, a oligárquica *Sociedad de Beneficencia* (SARLO, 2003, p. 93).

A importância do corpo de Eva seguiu um crescendo sem pausa. A enfermidade que a matou aos 33 anos invadiu o corpo sem deteriorar sua beleza. Pelo contrário, o câncer acentuou seus traços não convencionais e lhe deu um *pathos* que, em algumas fotos é trágico, em outras, sublime. Mesmo nos estágios finais da doença, no dia da posse de Perón para o segundo mandato, em 4 de julho de 1952, Eva desfila em carro aberto,



acenando para a multidão, tendo o corpo fixado numa espécie de cabide, que o manto de peles esconde. A notícia de sua morte, 22 dias depois, causou comoção nacional. A sequência do desfile em carro aberto é um dos momentos de maior impacto do filme *Eva Perón, la verdadera historia*, de 1996 (dirigido por Juan Carlos Desanzo, com a atriz Esther Goris interpretando a personagem).

O velório durou 13 dias, e seu ataúde foi beijado por 2 milhões de argentinos, vindos de todos os recantos do país, para prestar as últimas homenagens. As filas abarrotaram cerca de 30 quarteirões ao redor do palácio presidencial. Teria sido o final de uma história, mas não para Eva. Seu corpo ainda vagou décadas, após o processo de embalsamento realizado pelo Dr. Pedro Ara, um especialista espanhol.

Três anos após a morte, começava a outra jornada. Em 1955, um levante militar derrubou o governo de Perón, que se exilou na Espanha. Na noite de 22 de novembro daquele ano, o corpo embalsamado de Eva desapareceu da Sede da Confederação Geral dos Trabalhadores, maior sindicato peronista, onde jazia após o embalsamamento.

Durante largo período, o corpo vagou de acordo com as lendas que se criaram. Teria sido escondido no sistema de abastecimento de água da cidade, teria ficado escondido atrás da tela de um cinema, e certamente passou por algum esconderijo da Agência Secreta Militar. Mas onde fizesse parada, flores e velas apareciam, exigindo uma solução. Em 1957, com a ajuda do Vaticano, os restos foram levados para a Itália e sepultados em um cemitério de Milão, sem identificação.

Em 1970, os Montoneros sequestraram e mataram o ex-presidente Pedro Eugenio Aramburu, por haver coordenado o roubo do corpo em 1955. Em 1971, numa tentativa de volta à normalidade, o Partido Justicialista foi legalizado, o corpo de Eva desenterrado e transferido para Madrid, onde residia Perón – então casado com María Estela Martínez, conhecida pelo nome artístico de Isabelita.

Perón regressou à Argentina para apresentar-se às eleições de 1973, com Isabelita compondo a chapa, como vice. Ganharam, mas Perón faleceu meses depois, em 1º de julho de 1974, e Isabel assume no mesmo dia, sendo a primeira mulher a presidir o país. Quase dois anos depois, um golpe militar pôs fim ao seu mandato e ela foi colocada em prisão domiciliar por cinco anos. Em 1981, exilou-se na Espanha, onde vive até hoje. E Eva? Seus restos mortais, que estiveram expostos na residência presidencial em Los Olivos, foi trasladado para o mausoléu da família Duarte no cemitério da Recoleta, em Buenos Aires. O corpo foi colocado em uma cripta a cinco metros de profundidade, semelhante a um abrigo nuclear, para que ninguém voltasse a perturbar os restos da mais célebre personalidade argentina.

3 O Corpo: mercadoria e mensagem

É através do corpo que o indivíduo se relaciona com o mundo e com o contexto cultural e social em que está inserido. Por isso, a relação entre corpo e mente sofre alterações com o passar do tempo e readquire significados e simbologias nas diferentes épocas. O escritor Umberto Eco em dois trabalhos História da beleza (2004) e História da feiura (2007) relativizou os conceitos de padrão estético, de forma brilhante, revolvendo as distintas visões da antiguidade, da idade média, do renascimento e do período romântico e moderno, com as contribuições da Revolução Industrial.

Na contemporaneidade, nossa consciência do corpo sofre influência de dois aspectos considerados marcas da época em que vivemos: o consumo e a tecnologia.

A cultura da modernidade faz com que o indivíduo não aceite seu corpo, sinta-se desconfortável com pequenos traços ou marcas, como orelhas grandes, nariz afilado ou mais proeminente. O que ele percebe em si mesmo como desvio de um padrão deve ser corrigido e transformado, e para isso recorre a cirurgias plásticas, aplicações de silicone ou de botox,


uma bactéria cultivada que elimina rugas e traços de envelhecimento. As pessoas vivem perseguindo um modelo de perfeição que até parece atingível, mas se revela sempre decepcionante. Ainda causa estranheza ver apresentadores de TV, cantores, atores convivendo com as deformações provocadas por essa busca – além dos frequentes casos de morte por aplicações de silicone que se revelaram fatais. O princípio do prazer em choque com o princípio da realidade, como pontuado por Freud.

A negação do corpo real (formas, proporções, genética e envelhecimento), escrevem os pesquisadores Kalya Maroum e Valdo Vieira no artigo *Corpo, uma mercadoria na pós-modernidade*, é atestada pela crescente demanda de produtos e consumo (cosméticos, fármacos, alimentos variados, procedimentos médicos e espaços especializados), ou seja, conforme Maroum e Vieira (2018), suas verdadeiras necessidades são distorcidas e se adequam à lógica industrial e aos apelos do consumo

Essa lógica de consumo foi alavancada pela tecnologia e o mundo digital, pois as mídias sociais são, sem dúvida, a maior fomentadora dessa busca e culto incessante ao corpo considerado perfeito. Nas redes sociais, o corpo físico apontado como “padrão de beleza” se transformou em um requisito, que significa mais seguidores e idolatria, que parecem garantir uma espécie de felicidade, ou seja, o corpo se transformou em um tipo de mercadoria, pois o indivíduo vende imagens corporais de sucesso, o que acaba condicionando seus seguidores.

4 A Digitalização do Corpo: três camadas

Depois da análise da construção da imagem, com a dissecação realizada por Beatriz Sarlo sobre a figura de Eva Perón, agora a mirada é para o futuro. E a futurologia está na moda. Com o avanço exponencial de tecnologias como a inteligência artificial, autômatos e *machine learning*, as discussões sobre as possibilidades desse novo mundo estão efervescendo em todos os âmbitos, seja nas organizações, nas instituições do poder público, na academia e, inclusive, no entretenimento. Não é de hoje que o



tema foi apropriado pela cultura pop, que fatura milhões e lota salas de cinema ao dar vida às mais fantasiosas, irreais e, por vezes, proféticas situações.


Dentre os argumentos que servem de enredo para tais produtos midiáticos, há um que parece intrigar tanto os roteiristas quanto a audiência: a digitalização do corpo humano. O fascínio do homem pela imortalidade não é algo novo. Remonta aos primórdios da história. Mas, com o mundo de possibilidades apresentadas pela neurociência e a biotecnologia, o que antes parecia um discurso devaneador, agora ganha força com dados e fatos que racionalizam tal discussão.

Se o caso da “imortalização” do corpo de Eva Perón foi um fato ainda nos tempos analógicos, os três exemplos de nosso tema de investigação fogem do mundo real e fático para analisar histórias da ficção que tratam não de fatos, mas de possibilidades.

5 O Mundo Digital “Perfeito” dos Likes

Um dos exemplos de como a temática vem sendo explorada pelo mundo do entretenimento é a série *Black Mirror*, do Netflix. O programa, inicialmente, pode ser considerado como uma visão pessimista do que acontecerá em alguns anos, mas se observado com mais atenção, nota-se que se trata de uma crítica social, uma hipérbole dos problemas atuais da humanidade. *Black Mirror* aborda e se detém sobre o pior lado do ser humano e as maiores crueldades que podemos fazer por meio da tecnologia.


O primeiro episódio da terceira temporada, intitulado *Nosedive* (mergulho), foi aclamado pela crítica e pela audiência por ter conseguido, conforme Han (2017), expor com brilhantismo as consequências da chamada sociedade do desempenho. O termo, apresentado pelo filósofo Byung-Chul Han, em sua obra *A sociedade do cansaço*, é uma boa definição dos tempos atuais: em lugar da sociedade disciplinar, proposta por Michel Foucault, nos anos 70, vivemos hoje sob a constante necessidade de obter



alta performance, seja nos projetos, na motivação, na produção individual. A recompensa pelo desempenho, por vezes, é uma visão superficial do outro, um julgamento direto (e cruel) de uma interação – como as estrelas de avaliação dadas a um motorista que nos atende por meio de um aplicativo, ou a quantidade de likes que uma postagem recebe por seu impacto.

Nosedive retrata uma primeira camada da digitalização do ser humano, em que nossas ações, comportamentos e hábitos são quantificados e medidos a todo instante, como registros de uma *big data*. Nesse episódio, Lacie Pound (interpretada pela atriz Bryce Dallas Howard) é uma mulher que vive em uma sociedade em que todos são avaliados o tempo todo por suas interações e imagem, ganhando uma pontuação maior de acordo com sua popularidade. As cenas iniciais demonstram a plasticidade de um mundo controlável, “perfeito”, em que não há problemas, todas as pessoas são bem-sucedidas, se relacionam bem (distribuindo seus *likes* elogiosos) e tudo parece estar em “perfeita ordem”.

A protagonista demonstra estar o tempo todo em estado de alerta. Cuida da maneira como se veste, como sorri, como interage com os demais. Tudo é meticulosamente calculado com o objetivo de melhorar a nota de avaliação que garante acesso a oportunidades vantajosas e experiências mais exclusivas. O seu comportamento é um mero produto da imagem digital que pretende alcançar. Ao longo do episódio, cansada de ter de representar esse papel, Lacie começa a reagir “naturalmente”, expressando seu descontentamento ou demonstrando irritação diante de algo que saiu do seu controle. Ou seja, ela apenas expressa sua humanidade. Isso faz com que sua nota caia e uma sucessão de problemas começam a acontecer, até que Lacie é presa. Na cela, ela discute com outro prisioneiro. Eles se insultam mutuamente e liberam toda a raiva e descomodimento que estavam suprimindo/reprimindo para viver no mundo digital “perfeito” dos *likes*. A cadeia parece então ser o lugar de mais liberdade para os membros não submissos daquela sociedade.



O episódio remete muito à maneira como as redes sociais (especialmente o Instagram) têm sido usadas socialmente. Por vezes, as pessoas criam uma imagem irreal com fotos e vídeos exaustivamente editados, ganham o título de digital influencers, de acordo com a quantidade de *likes*, seguidores e *views* que possam angariar. Quanto maior os números, mais importante aquela pessoa se torna. O “eu digital” se sobrepõe à identidade real e as dimensões humanas se tornam mais valiosas e críveis no mundo digital do que no mundo físico. Se a personagem fala algo que desagrada seu público-alvo, se erra ou se excede em algum comportamento, é punida com o “*unfollow*”, e a perda de seguidores afeta sua popularidade.

Esse tema dos digital influencers tem gerado uma série de eventos e premiações e a novela das 9 da TV Globo, *A dona do pedaço*, abordou esse fenômeno com a criação da personagem Vivi Guedes (interpretada pela atriz Paola Oliveira). A gesticulação e os trejeitos da digital influencer remetem muito à quase completa alienação vivida nesse mundo de faz-de-conta. Já as verbas amealhadas pela emissora de TV com o merchandising do aplicativo iFood, ou as vantagens do novo plano da operadora Tim, ou a “casa de novela” das Lojas Bahia, não são parte do mundo da ficção.

6 O Sonho da Juventude Eterna

Uma segunda camada da possibilidade de digitalização do ser humano é apresentada no filme *Congresso futurista* (2014), do diretor israelense Ari Folman. A obra é inspirada num romance de Stanislaw Lem (*Congresso futuroológico*, 1971) e conta a história de Robin Wright (interpretada pela própria), uma atriz em fim de carreira que recebe uma oferta perturbadora: permanecer jovem para sempre.

Na trama, os executivos do estúdio cinematográfico para o qual a atriz trabalha propõem que seu corpo e suas expressões faciais sejam digitalizadas por um escâner de alta potência, copiada digitalmente em todos os ângulos. Com isso, a protagonista vende sua própria imagem para

o estúdio, que passa a explorá-la sem limites para produção de filmes de todos os tipos. E sem o custo de cenários, atores secundários, contrarregras ou iluminadores, tudo será produzido com recursos digitais. É como se a atriz deixasse de existir no mundo real. E a própria dinâmica da produção cinematográfica é colocada em xeque.

Vinte anos se passam e Robin Wright, de cabelos grisalhos, dirige um carro esportivo por uma estrada futurista, rumo a um congresso desse mesmo estúdio cinematográfico. Ao se aproximar da entrada, faz uso de um produto farmacêutico psicodélico que a leva para uma nova dimensão, uma realidade virtual.

O filme despertou diferentes reações entre os críticos e os espectadores, porque é ousado em sua execução: mescla o uso de animação com *live action* para criar um enredo surrealista que problematiza o futuro do cinema.

Uma das cenas mais emblemáticas mostrando a digitalização da imagem do humano é o momento em que a protagonista entra na máquina que a escaneia por completo, desde os aspectos corporais até suas expressões faciais. De uma sala espelho, seu empresário, que a conhece como ninguém, faz intervenções para evocar na atriz as mais diversas reações emocionais, justamente para que o computador possa captar e depois mimetizar esses movimentos com perfeição.

7 O Upload da Alma para a Nuvem

A terceira camada da possibilidade de digitalização do corpo parte do pressuposto de que tudo o que pensamos e sentimos são informações químicas. Fórmulas que podem ser identificadas e quantificadas e que, a partir daí, poderiam ser reproduzidas artificialmente.

A série inglesa *Years and years* (2019), uma coprodução entre BBC e HBO, explora essa camada mais profunda em seu roteiro. A narrativa acompanha a vida de uma família inglesa de classe média e especula uma visão de futuro para os próximos 15 anos (de 2019 a 2034). Há a

adolescente que, após a tentativa de se tornar trans (no caso, transhumano) adere a um projeto estatal de inserir um chip no cérebro, ampliando a percepção da realidade; a total informatização de controles bancários ou pessoais, o dispositivo que estabelece a comunicação entre os familiares entre tantas outras inovações.

Uma das personagens é Edith (Jessica Hynes), uma atuante ativista política que se envolve em lutas globais com uma agenda que vai da preservação do meio-ambiente a causas sociais. Em uma de suas empreitadas, ela vai conferir os efeitos de uma bomba atômica lançada sobre uma imensa ilha artificial criada pelo governo chinês. Desde um ponto de observação do Vietnã, Edith acaba sendo exposta a forte conteúdo radioativo, o que causa um câncer incurável – uma suspeita confirmada após sua volta à casa da família depois de décadas distante de seu núcleo: mãe, irmãos, cunhados e sobrinhos.

Ao perceber que a morte precoce se torna um fato consumado, Edith concorda em participar de uma espécie de teste. Assim como acontecia com Robin em Congresso futurista, a ativista Edith também é submetida a um supercomputador, mas dessa vez, são cabos ligados a seu corpo que fazem o mapeamento de todos os aspectos químicos e quantificáveis de suas emoções, personalidade, memórias. É como se ela fizesse um upload de sua alma para a nuvem. Com isso, não é apenas sua imagem que é preservada para sempre, mas sua própria existência, sua mente, suas recordações.

A transferência desses “arquivos pessoais” acaba no exato momento de sua morte. No último episódio, a família se reúne em torno do Signor, espécie de assistente virtual inteligente (como o Alexa, da Amazon) para conversar com a “alma” de Edith, prenunciando que, aparentemente, a era da imortalidade pode ter chegado.

8 Considerações Finais

Durante a escrita desse trabalho, veio à memória uma espécie de trocadilho publicado, há dez anos, por Juan Caño em seu livro *Revistas: una historia de amor y un decálogo*. Nele, Caño (1999, p. 82) cunhou essa frase: “Alguns buscam aparecer nos jornais e revistas a qualquer custo, porque pensam que, antes, os que trabalhavam é que se tornavam famosos, mas agora é obrigatório ser famoso para obter trabalho no mundo do entretenimento”. A fama e não a eficácia de um bom trabalho é o que conta pontos, aumenta o número de *likes* como caminho para uma carreira de *influencer*, por exemplo. Sem mencionar a busca de um padrão de beleza que é uma demanda imposta por cânones que vêm com data de vencimento no curto prazo.

Esse artigo reuniu alguns momentos diferentes em que essa exposição e construção da imagem do corpo chegou a altos picos numa curva ascendente. Ainda nos tempos analógicos, Eva Perón se transformou numa bandeira, num símbolo e numa espécie de amuleto: Juan Perón volta em 1973 para a Argentina trazendo esse troféu. Morta, Evita continuou viva por duas décadas, embora jazesse anônima num cemitério italiano. Foi uma espetacularização que se construiu enquanto seguia caminho – como diz o poema de Antonio Machado: *Caminante no hay camino, se hace camino al andar*. Ou, usando a terminologia inglesa: o corpo de Eva foi um *work in progress*.

As três aproximações realizadas nesse artigo, a da personagem Lacie Pound, no episódio de abertura da terceira temporada da série *Black Mirror*; ou de Robin Wright, em *Congresso futurista* (ela interpreta a si mesma, estrela de largo currículo, mais de 20 longas) e a tentativa de perpetuação de emoções e memórias da atuante ativista política Edith (Jessica Hynes), personagem do seriado inglês *Years and years*, formam um “corpus” interessante para pontuar essa busca de entender o desejo de perpetuação que os seres humanos trazem desde seus inícios, alguns milênios atrás. O fecho é uma reflexão: existe uma tendência na tentativa de virtualizar ou

imortalizar o corpo e a mente, independentemente da época. O detalhe é que essa virtualização encontra terreno fértil e novo fôlego nas tecnologias e assim se tornar um discurso tangível e aplicável.

Referências

- BLACK Mirror. Nosedive. Direção: Joe Wright. Produção: Charlie Brooker. Reino Unido, 2016 (63 min.), son. color. **Netflix**. temp. 3, cap. 1.
- CAÑO, Juan. **Revistas, una historia de amor y un decálogo**. Madrid: Editorial Eresma & Celeste, 1999.
- COELHO, Claudio Novaes Pinto. **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ECO, Umberto. **História da feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- EVA PERÓN, la verdadera historia. Dirigido por Juan Carlos Desanzo. Argentina: 1996. (120 min). Filme cinematográfico.
- FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise e o mal-estar na civilização**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MAROUIM, Kalya; VIEIRA, Valdo. Corpo, uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v14n2/v14n2a11.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2019.
- O CONGRESSO futurista. Dirigido por Ari Folman. Israel, Alemanha, Polônia, Luxemburgo, França, Bélgica: 2013. (2h 03 min). Filme cinematográfico.
- OLIVEIRA, José G. **Arqueología de la Interfaz: ensayo, memoria y imagen**. 2019. 487 f. Tese. (Doutorado em Comunicación Audiovisual) - Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2019.
- SARLO, Beatriz. **La pasión y la excepción**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2003.
- SEARLE, John R. **The mystery of consciousness**. New York: The New York Review of Books, 1997.
- YEARS and years. Direção: Russel T. Davis. Reino Unido: BBC e HBO, 2019. (60 minutos cada episódio).